

*A. R. P. de Oliveira
10/939.*

NA INTIMIDADE DE EMMANUEL

AO LEITOR

Leitor, antes de penetrares o limiar desta história, é justo apresentemos à tua curiosidade algumas observações de Emmanuel, o ex-senador Públis Lentulus, descendente da orgulhosa "gens Cornélia", recebidas dêsse generoso espírito, na intimidade do grupo de estudos espiritualistas de Pedro Leopoldo, Estado de Minas Gerais.

Através destas observações ficarás conhecendo as primeiras palavras do autor, a respeito desta obra, e suas impressões mais íntimas, no curso do trabalho, que foi levado a efeito de 24 de outubro de 1938 a 9 de fevereiro de 1939, segundo as possibilidades de tempo do seu medium e sem perturbar as outras atividades do próprio Emmanuel, junto aos sofredores que frequentemente o procuram, e junto ao esforço de propaganda do espiritismo cristão na Pátria do Cruzeiro.

Em 7 de setembro de 1938, afirmava êle em pequena mensagem íntima aos seus amigos encarnados:

— "Algum dia, se Deus mo permitir, falar-vos-ei do orgulhoso patrício Públis Lentulus, afim de algo aprenderdes nas dolorosas experiências de uma alma indiferente e ingrata.

Esperemos o tempo e a permissão de Jesus."

Emmanuel não esqueceu a sua promessa. Com efeito, em 21 de outubro do mesmo ano, voltava a recordar, em outro comunicado familiar:

— “Se a bondade de Jesus nos permitir, iniciaremos o nosso esforço, dentro de alguns dias, esperando eu a possibilidade de grafarmos as nossas lembranças do tempo em que se verificou a passagem do Divino Mestre, sobre a face da Terra.

Não sei se conseguiremos tão bem, quanto desejamos, semelhante intento. De antemão, todavia, quero assinalar minha confiança na misericórdia do Nosso Pai de Infinita Bondade.”

De fato, em 24 de outubro referido, recebia o medium Xavier a primeira página dêste livro e a 25 do mesmo mês, Emmanuel voltava a dizer:

— “Iniciamos, com o amparo de Jesus, mais um despretnecioso trabalho. Permita Deus que possamos levá-lo a bom termo.

Agora verificareis a extensão de minhas fraquezas no passado, sentindo-me, porém, confortado em aparecer com toda a sinceridade do meu coração, ante o plenário de vossas consciências. Orai comigo, pedindo a Jesus para que eu possa completar esse esforço, de modo que o plenário se dilate, além do vosso meio, afim de que a minha confissão seja um roteiro para todos.”

Durante todo o esforço de psicografia, o autor dêste livro não perdeu ensejo de ensinar a humildade e a fé a quantos o acompanham. Em 30 de dezembro de 1938, comentava, em nova mensagem íntima:

— “Agradeço, meus filhos, o precioso concurso que me vindes prestando. Tenho-me esforçado, quanto possível, para adaptar uma história tão antiga ao sabor das expressões do mundo moderno, mas, em relatando a veerdade, somos levados a penetrar, antes de tudo, na essência das cousas, dos fatos e dos ensinamentos.

Para mim essas recordações têm sido muito

suaves, mas também muito amargas. Suaves pela rememoração das lembranças amigas, mas profundamente dolorosas, considerando o meu coração empedernido, que não soube aproveitar o minuto radioso que soara no relógio da minha vida de espírito, ha dois mil anos.

Permita Jesus que eu possa atingir os fins a que me propus apresentando nesse trabalho, não uma lembrança interessante acérea de minha pobre personalidade, mas tão somente uma experiência para os que hoje trabalham na semeadura e na seara do Nosso Divino Mestre.”

De outras vezes, Emmanuel ensinava aos seus companheiros encarnados a necessidade de nossa ligação espiritual com Jesus, no desempenho de todos os trabalhos. No dia 4 de janeiro de 1939, grafava êle esta prece, em comunicado íntimo, ainda com respeito às suas memórias do passado remoto:

— “Jesus, Cordeiro Misericordioso do Pai de todas as graças, são passados dois mil anos e minha pobre alma ainda revive os seus dias amargurados e tristes!...

Que são dois milênios, Senhor, no relógio da Eternidade?

Sinto que a tua misericórdia nos responde em suas ignotas profundezas... Sim, o tempo é o grande tesouro do homem e vinte séculos, como vinte existências diversas, podem ser vinte dias de provas, de experiências e de lutas redentoras.

Só a tua bondade é infinita! Somente a tua misericórdia pode abranger todos os séculos e todos os sérés, porque em Ti vive a gloriosa síntese de toda a evolução terrestre, fermento divino de todas as culturas, alma sublime de todos os pensamentos.

Diante de meus pobres olhos, desenha-se a velha Roma dos meus pesares e das minhas que-

das dolorosas... Sinto-me ainda envolto na miséria de minhas fraquezas e contemplo os monumentos das vaidades humanas... Expressões políticas, variando nas suas características de liberdade e de força, detentores da autoridade e do poder, senhores da fortuna e da inteligência, grandes efémeras que perduraram apenas por um dia fugaz!... Tronos e púrpuras, mantos preciosos das honrarias terrestres, togas da falha justiça humana, parlamentos e decretos supostos irrevogáveis!... Em silêncio, Senhor, viste a confusão que se estabelecerá entre os homens inquietos e, com o mesmo desvelado amor, salvaste sempre as criaturas no ins-tante doloroso das ruínas supremas... Deste a mão misericordiosa e imaculada aos povos mais humildes e mais frágeis, confundiste a ciência mentirosa de todos os tempos, humilhaste os que se consideravam grandes e poderosos!...

Sob o teu olhar compassivo, a morte abriu suas portas de sombra e as falsas glórias do mundo foram derruidas no torvelinho das ambições, reduzindo-se todas as vaidades a um acérvo de cinzas!...

Ante minha alma surgem as reminiscências das construções elegantes das colinas maravilhosas; vejo o Tibre que passa, recolhendo os detritos da grande Babilônia imperial, os aquedutos, os marmores preciosos, as térmas que pareciam indestrutíveis... Vejo ainda as ruas movimentadas, onde uma plebe miserável espera as graças dos grandes senhores, as esmolas de trigo, os fragmentos de pano para resguardarem do frio a nudez da carne.

Regorgitam os circos... Ha uma aristocracia do patriciado observando as provas elegantes do Campo de Marte e, em tudo, nas vias mais humildes até os palácios mais suntuosos, fala-se de César, o Augusto!...

Dentro dessas recordações, eu passo, Se-

nhor, entre farraparias e esplendores, com o meu orgulho miserável! Dos véus espessos de minhas sombras, também eu não te podia ver, no Alto, onde guardas o teu sólio de graças inexgotáveis...

Enquanto o grande Império se desfazia, em suas lutas inquietantes, trazias o teu coração no silêncio e, como os outros, eu não percebia que vigiavas!

Permitiste que a Babél romana se levantasse muito alto, mas, quando viste que se ameaçava a própria estabilidade da vida no planeta, disseste: — “Basta! São vindos os tempos de operar-se na seara da Verdade!” E os grandes monumentos, como as estátuas dos deuses antigos, rolam de seus pedestais maravilhosos! Um sopro de morte varreu as regiões infestadas pelo vírus da ambição e do egoísmo desenfreado, despovoando-se, então, a grande metrópole do pecado. Ruiram os circos formidandos, caíram os palácios, enegreceram-se os marmores luxuosos...

Bastou uma palavra tua, Senhor, para que os grandes senhores voltassem às margens do Tibre, como escravos misérrimos!... Perambulamos, assim, dentro da nossa noite, até o dia em que uma nova luz brotava em nossas consciências. Foi preciso que os séculos passassem, para aprendermos as primeiras letras de tua ciência infinita, de perdão e de amor!...

E aquí estamos, Jesus, para louvar-te a grandeza! Dá que possamos recordar-te em cada passo, ouvir-te a voz em cada som distraído do caminho, para fugirmos da sombra dolorosa!... Estende-nos as tuas mãos e fala-nos ainda do teu Reino!... Temos uma sede imensa daquela água eterna da vida que figuraste no ensinamento à Samaritana...

Exército de operários do teu Evangelho, nós nos movemos sob as tuas determinações

suaves e sacrossantas! Ampara-nos, Senhor, e não nos retires dos ombros a cruz luminosa e redentora, mas ajuda-nos a sentir, nos trabalhos de cada dia, a luz eterna e imensa do teu Reino de paz, de concórdia e de sabedoria, em nossa estrada de luta, de solidariedade e de esperança!..."

Em 8 de fevereiro último, véspera do término da recepção d'este livro, agradecia Emmanuel o concurso de seus companheiros encarnados, em comunicado familiar, do qual destacamos algumas frases:

— "Meus amigos, Deus vos auxilie e recompense. O nosso modesto trabalho está a terminar. Poucas páginas lhe restam e eu vos agradeço de coração.

Reencontrando os espíritos amigos das épocas mortas, sinto o coração satisfeito e confortado, em verificando a dedicação de todos ao firme pensamento de evolução, para a frente e para o alto, pois não é sem uma razão de ser que hoje laboramos na mesma oficina de esforço e boa vontade.

Jesús ha de recompensar a quota de esforço amigo e sincero que me prestastes e que a sua infinita misericórdia vos abençõe é a minha oração de sempre."

Aquí ficam algumas das anotações íntimas de Emmanuel, fornecidas na recepção d'este livro. A humildade dêsse generoso espírito vem demonstrar que no plano invisível ha também necessidade de esforço próprio, de paciência e de fé para as realizações.

As notas familiares do autor são um convite para que todos nós saibamos orar, trabalhar e esperar em Jesus Cristo, sem desfalecimentos na luta que a bondade divina oferece-nos para o nosso resgate, no caminho da redenção.

Pedro Leopoldo, 2 de março de 1939.

HA DOIS MIL ANOS ...

PRIMEIRA PARTE

I

DOIS AMIGOS

Os últimos clarões da tarde haviam caído sobre o casario romano.

As aguas do Tibre, ladeando o Aventino, deixavam retratados os derradeiros reflexos do crepusculo, enquanto nas ruas estreitas passavam liteiras apressadas, sustidas por escravos musculosos e lépidos.

Nuvens pesadas amontoavam-se na atmosfera, anunciando aguaceiros próximos e as ultimas janelas das residencias particulares e coletivas fechavam-se, com estrépito, ao sôpro forte dos primeiros ventos da noite.

Entre as construções elegantes e sóbrias, que exibiam marmores preciosos, no sopé da colina, um edificio havia que reclamava a atenção do forasteiro pela singularidade das suas colunas severas e majestosas. Uma vista de olhos ao seu exterior indicava a posição do proprietário, dado o aspecto caprichoso e imponente.

Era, de fato, a residencia do senador Publio Lentulus Cornelius, homem ainda moço, que, à maneira da época, exercia no Senado funções legislativas e judiciais, de acordo com os direitos que lhe competiam, como descendente de antiga familia de senadores e consules da Republica.

O Imperio, fundado com Augusto, havia limitado os